



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

CRIME E PAIXÃO NAS NARRATIVAS DE MULHERES PRESIDIÁRIAS: NA TRILHA EDUCACIONAL DE CONFORMAÇÃO DE CORPOS FEMININOS

Ligia Pereira dos Santos*

1

Entendo que, através de uma pesquisa na perspectiva da história da violência feminina, os dados podem ser buscados no ambiente onde acontece o fenômeno pesquisado, qual seja, como ocorrem as *construções de gênero na educação do corpo negado de mulheres vítimas de violência do Presídio Feminino e da Delegacia da Mulher na cidade de Campina Grande*, e quais as formas de redação em que a imprensa campinense apresenta as reportagens que tratam de gênero e violência.

Investigo suas experiências com a violência, utilizando como fontes de pesquisa: dados oferecidos pelos jornais: Jornal da Paraíba e Diário da Borborema,¹ do

* Universidade Estadual da Paraíba

¹ Promessa de campanha parlamentar de Assis Chateaubriand, o Jornal Diário da Borborema começou a ser idealizado em 1954, porém somente em 1956 os Diários e Emissoras Associados optou por realizar uma pesquisa de mercado, pois já detinham na cidade a Rádio Borborema desde 1949 e foi analisando o desempenho da emissora de rádio que decidiram dar início à implantação do periódico na cidade de Campina Grande. Em 2 de outubro de 1957, o jornal foi inaugurado com a presença do jornalista Assis Chateaubriand, o bispo de Campina Grande Dom Luis Octavio e o prefeito Dr. Elpidio de Almeida. A primeira tiragem do Diário foi definida em 3.000 exemplares com distribuição gratuita à população que se fez presente. Após a inauguração do impresso, taxou-se o exemplar avulso a Cr\$ 3.00 (Três cruzeiros).

município de Campina Grande, além dos livros de registros de queixas dos arquivos da delegacia e do presídio, relatórios de oficinas, desenhos. E, principalmente, compreendo suas histórias de vida, quando de suas participações nas oficinas do corpo, interpretando o cotidiano, buscando captar um sentido para as representações do ser mulher.

No processo de gestação da pesquisa, contribuíram não só as informações e questionamentos dos teóricos da área específica, mas, na verdade, tudo que li, vi, observei, vivenciei, pesquisei, com relação ao tema da pesquisa.

Durante o período de curso do doutorado, aconteceu o enriquecimento cultural da pesquisa. Estou me referindo à importância da ampliação das fontes por fornecer uma melhor compreensão do estudo como: fatos do cotidiano, pesquisas em obras teóricas e literárias, leituras de teses, filmes, reportagens em revistas, fotografias, entrevistas, discussão em mesas redondas e resultados de pesquisas apresentados em congressos nacionais² e internacionais³, como também palestras realizadas na I Conferência de Políticas Públicas para Mulheres, que aconteceu em Brasília (DF) durante a comemoração do Ano da Mulher, em julho de 2004.

Morais apresenta a importância de realizar pesquisas com temas comuns de homens e mulheres comuns:

[...] A matéria prima da História e a história cultural tem um papel importante e ganha prestígio ao realçar a importância da linguagem e das representações sociais, culturalmente constituídas. [...] Nessa perspectiva, é possível analisar temas considerados sem qualidade e realçar pesquisas como a história da sexualidade feminina na Colônia, Freiras no Brasil, mulheres na sala de aula, história dos movimentos de trabalhadoras, história dos impressos e a formação das leitoras, maneiras de ler, temas constitutivos da história da vida privada e também das mulheres que contribuíram para a formação de sociedades letradas (MORAIS, 2001, p. 11e 12).

² III Congresso de História da Educação, realizado no Estado do Paraná, Curitiba, em novembro de 2004; COLE – Congresso de Leitura e Escrita, realizado no Estado de São Paulo, Campinas, em julho de 2003; XVI EPENN – Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, realizado no Estado de Sergipe, São Cristóvão, em junho de 2003; II Congresso de História da Educação, realizado no Rio Grande do Norte, Natal, em novembro de 2002; I Seminário Internacional sobre Gênero e Educação, realizado no Estado da Paraíba, em João Pessoa, em novembro de 2002.

³ Fórum Internacional de Educação realizado no estado do Rio Grande do Norte, Natal, em janeiro de 2004.

Para análise das práticas de mulheres presidiárias, busco apoio no conceito de *representação* em Chartier (1990), que demonstra serem as nossas classificações, exclusões sociais e conceituais próprias de um determinado tempo e espaço, produzidas por práticas políticas, sociais e discursivas.

Discutir as representações entre signo e significado equivale dizer que, na violência das relações de gênero, a mulher é representada como ser passivo, ou seja, é um ser vitimado. Tal compreensão fica clara na visão de Soihet ao analisar o referido conceito de Chartier, quando diz que:

Chartier destaca na dominação masculina o peso do aspecto simbólico [...], um objeto maior das histórias das mulheres consiste no estudo dos discursos e das práticas que garantem o consentimento feminino às representações dominantes entre os sexos. (SOIHET, 1997, p. 71).

As concorrências e tensões existentes no patriarcado constituem um mecanismo necessário à perpetuação do poder masculino e não, como pensam freqüentemente alguns pesquisadores, um sinal de incoerência do sistema ou o indício de seu fracasso.

Instalado no poder de marido, namorado, amante, pai, padrasto, o líder masculino mantém comportamentos socialmente idealizados e mistificados de poder, que foram consolidados no processo de ascensão na liderança social. Tal idealização é transferida para o grupo familiar e para as demais instituições que formam a sociedade em geral.

E, para se firmar no poder, o líder masculino manipula as rivalidades que se efetivaram entre mulheres, tais como a rivalidade entre noras e sogras, a esposa e a amante, mulher feia ou idosa e mulher bonita e jovem etc. Rivalidades essas, geralmente presentes em ditados populares, que unificam a ideologia do patriarcado e suas realidades sociais, perpetuando os conflitos nas relações de gênero.

Do mesmo modo, os meios de comunicação refletem essa realidade nos critérios de notícias policiais dos jornais que, em sua maioria, optam pelo sensacionalismo e provocam reações imediatas nos leitores, com títulos de reportagens tais como: *Assassina do Pai- presa ontem* ou ainda: *Luta corporal entre a amante e o*

trabalhador tem desfecho infeliz. A notícia, em especial quando se refere à condição feminina, deixa de ser problematizada.

Badinter (1993) anuncia que a educação misógina dá-se na corporeidade. Ela afirma que os códigos sociais de negação do feminino são impressos nos corpos dos meninos e meninas através de controles e negação do mesmo. São maneiras pelas quais os seres humanos aprendem, em sociedade, como se servir de seu corpo, de como utilizá-lo seguindo as determinadas modalidades e exercendo determinado controle.

Tomo como referência as discussões sobre as desigualdades de gênero, entendendo que gênero se diferencia de sexo, porque “[...] é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (LOURO, 1997, p. 22); considero, pois, o espaço da educação como uma dimensão privilegiada para tais construções.

Compreendo gênero enquanto característica social e relacional, e que não apenas dita normas de masculino e feminino, indo além, sendo fator constituinte da identidade dos sujeitos no processo educacional, seja ele formal ou informal. Nas relações promovidas no cotidiano do lar e da escola, as mulheres vão firmando e modificando suas representações, identificando-se ou não com o grupo ao qual pertencem.

É a modalidade variável de cada uma das cadeias de interdependências que define a especificidade de cada formação ou figuração social, esteja essa figuração situada no contexto das grandes evoluções históricas. Evoluções tais como, a diferença das relações familiares ou nas figurações de dimensões simples e diversas, situadas em uma mesma sociedade, como na Paraíba em Campina Grande, no Presídio Feminino e na Delegacia da Mulher.

Esta pesquisa, ao investigar a história das mulheres na sua interpretação ótica, tem por objetivo captar um sentido para o ser-mulher, não em propostas racionalistas ou espiritualistas, e sim, culturais:

Em sentido antropológico, não falamos em Cultura, no singular, mas em culturas, no plural, pois a lei, os valores, as crenças, as práticas e instituições variam de formação social para formação social. Além disso, na mesma sociedade, por ser temporal e histórica, passa por transformações culturais amplas e, sob esse aspecto, antropologia e História se completam... (CHAUI, 1999, p. 295).

É nesta direção oferecida por Chauí que me proponho a investigar a história da violência no cotidiano de mulheres, porque acredito existir nessa descrição fundamentos que possam através da educação, favorecendo possibilidades de (re) interpretação do social.

Considero que a exclusão dos seres humanos que vivenciamos gera sujeitos sociais competitivos, que trabalham mecanicamente, permeados de empreendimentos egoístas e sonhando com o amor romanceado. E, nesta realidade, sexo, trabalho, amor e projetos perdem o significado pessoal.

A mulher, neste contexto cultural, que história de sua trajetória poderá contar? Que imagem de mulher ela vê projetada de si, da outra, do outro? Que educação poderá contribuir ou afirmar ainda mais o quadro de dominação e submissão? Como a imprensa apresenta as notícias em relação às questões femininas?

Neste sentido, a discussão epistemológica desta pesquisa foi marcada pela discussão política, denunciando o papel histórico e filosófico das relações de gênero como legitimador da violência, presentes contra a mulher através da História.

A visão unilateral do poder sobre os dominados passivos e impotentes apresenta a necessidade de desvendar as sutilezas engendradas criativamente pelos dominados, com vistas a reagir à opressão que sobre eles incide. Por esse entendimento, essas mulheres se apóiam na “[...] tática daqueles que não têm por lugar senão o do outro e por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (CERTEAU, 1994, p.100).

Em minha experiência com mulheres agredidas, o que observei nas suas histórias de vida é que, nas condições em que se desenvolvia a vida íntima das mulheres vitimadas, parecia não haver uma alternativa em termos de uma outra opção de vida fora do relacionamento que as oprimia. Havia em cada fala uma *tática*: uma exaltação do valor do casamento e da maternidade, especialmente, da mãe e da sogra que ocupam posições de poder na família. A própria mulher vitimada, apesar de criticar a todo tempo a sua escolha de vida, numa aparente contradição, admite ser *dominada*, por ser em sua interpretação de mundo, o único possível caminho para garantir o reconhecimento da sua família e de outras mulheres.

Obedecer era a única forma que poderia favorecer a minha aceitação na família do meu marido e na minha.
(FLOR DE CACTO, 1999)

As mulheres, por serem regidas pelas imagens do ideal feminino, como: beleza, meiguice, delicadeza, paciência e resignação levam a sua inserção na repetição de antigos estereótipos. Os diferentes atributos dos papéis de homens e mulheres presentes na história, na literatura e utilizados pela ciência, nos fazem enquadrar tais estereótipos numa das modalidades de violência simbólica.

A violência simbólica (BOURDIEU, 1989) é aquela que supõe a adesão pelos dominados das categorias que embasam sua dominação. Nesta compreensão, definir a submissão imposta às mulheres como uma *violência simbólica*, ajuda a compreender a relação de dominação como histórica, cultural e linguisticamente construída e que é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal (CHARTIER, 1990).

Por outro lado, homens e mulheres tendem a incorporar os valores e discursos, divulgados nos diversos meios de comunicação, identificando as mulheres que reivindicam como: frustradas, feias, fúteis, desprovidas do sentimento de mãe e de esposa. O que percebemos, na verdade, é um aspecto perverso nessa construção social. Não seria esta uma das possíveis explicações para a rejeição de algumas mulheres em assumirem a busca da libertação, seja através do feminismo, da reflexão em grupos ou da produção acadêmica?

Procurei compreender cada figuração social a partir da rede específica das interdependências que ligam os homens e as mulheres uns aos outros, em sua dinâmica e sua reciprocidade. Importa observar também, as relações mantidas pelos diferentes grupos com a violência, evitando as representações simplistas e petrificadas, da dominação social ou da difusão cultural dos valores de gênero.

O tecido textual da pesquisa foi construído através das histórias de violência das mulheres-flores, nos diálogos e nas descrições que as mesmas fazem de si e das suas mães, pais, parceiros e sogras. Destaco os papéis e funções exercidos pela mulher no pequeno grupo familiar, na escola e na sociedade.

Trabalhar com o texto oral que versa principalmente sobre o universo de violência contra a mulher me leva, necessariamente, a tecer considerações acerca das relações de gênero.

Assim sendo, as histórias de vida serviram de bases no meu processo de análise e permitiram visualizar a mulher em diferentes momentos de negação e afirmação do corpo na sua busca de libertação individual e social.

Sigo a orientação teórica de Certeau (1994), quando propõe maneiras de refletir sobre as *táticas* enquanto procedimentos ou estilos da ação caracterizados pelos modos de fazer, num jogo constante com os fatos para transformá-los, modificando a ordem estabelecida, transformando as possibilidades em ganho. Assim define o autor:

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável (CERTEAU, 1994, p.12).

Com as *táticas* visualizadas, as categorias fluíram das respostas das mulheres às indagações que realizei a respeito da dor no corpo agredido. Porém, me expressando assim, a impressão inicial é de que realizar tal tarefa foi fácil. Imediatamente surge na memória a expressão que tem sido bússola em minhas expedições na busca do conhecimento: *o que eu estou vendo, não é o que eu estou vendo*. Descobrir o que as fontes falavam foi uma descoberta árdua e, às vezes, paralisante.

ARANDO A TERRA E DESCOBRINDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Ao indagar onde era a raiz do meu problema, ficou evidente que a *categoria corpo* seria a primordial, já que toda violência acontece *lá*, no corpo. E surge a pergunta: qual o fator que está presente em todas as histórias de vida das mulheres que estimula a violência que sofreram? Ao indagar ao corpo das mulheres-flores, descobro que a *categoria sexualidade* desponta com “força-falante”. E ao caminhar no interrogar das fontes, percebo que preciso entender de que modo, nos embates sexuais, é gerada a *categoria violência*. E então me deparo com a *categoria poder* que, tanto no discurso como na violência silenciosa, quer falar para a pesquisa quão forte é sua ação no corpo feminino. E, por fim, concluo que tudo o que as mulheres vitimadas querem em seus corpos remetem à *categoria amor*.

Uma vez que almejo à construção do conhecimento sobre o *corpo feminino*, acredito que as discussões empreendidas em torno do *corpo, sexualidade, violência, poder e amor*, foram relevantes e imprescindíveis para a construção desta pesquisa.

Discutir o *corpo*, a partir dos pressupostos de Foucault (1984), rompe com as questões macroscópicas para entender a dominação, ao invés, preocupa-se em entender as relações micro, ou seja, o que vem interessar são os discursos e práticas cotidianas que atingem o corpo. Nesta pesquisa, interessam as práticas dos familiares, em especial da família das mulheres-flores com as mães, os pais, as sogras e os parceiros, além da imagem corporal veiculada pelos formadores de opinião nos jornais campinenses.

É a relação do corpo na microfísica tanto na instituição familiar como na instituição punitiva da prisão, que importa identificar no cotidiano, junto às práticas refletidas ou involuntárias através das quais as mulheres e homens fixam regras de conduta do corpo feminino.

Na proposta de Foucault, o corpo não é apropriado pelo poder, mas atravessado por ele. O corpo não é compreendido como algo autônomo, porém não pode ser entendido fora do exercício da micro relação cotidiana de poder. O corpo é, sobretudo, uma realidade política e nesta perspectiva, consiste em analisar o investimento político do mesmo numa microfísica do poder.

Os seus estudos são investigações que tentam identificar, como o poder está presente na vida cotidiana dos seres humanos, mais precisamente em seus corpos. Significa que é possível um deslocamento de análise do estado e da política para o nível das instituições.

Na perspectiva foucaultiana, o corpo é um campo de forças que se encontra no ponto de intersecção de uma *arqueologia (saber)* do discurso e de uma *genealogia (poder)* nas práticas do código disciplinar da história do ser humano.

Foucault oferece elementos para uma análise do corpo não mais em busca das leis biológicas que o controlam e regulam, mas na busca de desvendá-lo na trama de poder institucional. É um corpo na sua relação de percepção com o mundo, numa relação de harmonia, porém em constante disputa de poder.

O poder sobre o corpo não é abstrato, porém, nem sempre é visível. Ao mesmo tempo é visível e invisível, tem sido oculto e presente.

Nessa direção, o controle nas relações de gênero, não se opera apenas na ideologia, pois, parte do pressuposto de que tudo começa no corpo e com o corpo, nos instrumentos de sujeição que estão difusos nos discursos e se exercem cotidianamente.

O que importa é descrever como o poder se exerce sobre o corpo nas histórias de vida das mulheres vitimadas. E, semelhante a Foucault que ouviu o louco, o criminoso e o ser humano do desejo, nesta investigação ouvi *a corruptora de menores, a assassina, a estuprada, a agredida, a mãe, a sogra, a amiga da suicida, a irmã da assassinada*, enfim, a mulher de carne, osso e sentimentos.

Assim, o referencial relativo à história cultural possibilita analisar a história das mulheres-flores compreendendo o corpo feminino enquanto via, de perceber-se e perceber os fenômenos que se configuram no mundo, corpo com expressão das variadas formas de linguagens que confrontam sentimentos e significados, que se interpenetram.

Significa entender o corpo da mulher como sensível e unidade múltipla que exige explicações para o que está fora e para o que está dentro do corpo e tem a ver com sua relação no espaço que manteve relacionamentos. Enfim, a busca é para entender seus determinantes, explicá-los e interpretá-los como uma totalidade de sentimento, sentido, tática e prática.

E devemos pensar que um dia, talvez, numa outra economia dos corpos e dos prazeres, já não se compreenderá muito bem de que maneira os ardis da sexualidade e do poder que sustentam seu dispositivo conseguiram submeter-nos a essa austera monarquia do sexo, a ponto de voltar-se à tarefa infinita de forçar seu segredo e de extorquir a essa sombra as confissões mais verdadeiras. Ironia deste dispositivo: é preciso acreditarmos que em nosso corpo está nossa 'libertação' (FOUCAULT, 1985, p.149).

Nesse sentido, o corpo é a totalidade do ser humano, seja mulher ou homem, com sensibilidades e intencionalidade que o fazem presente no mundo e nele compartilha. É compreender o corpo com intencionalidade. Sobretudo, compreender a história no mundo partindo da compreensão de que o corpo pensa, percebe, sente, vive e convive. Corpo que não fica no espaço, mas, sim, é o próprio espaço, com multiplicidade, pois é a um só tempo, lugar, fala e expressão.

[...] pode haver um 'saber' do corpo que não é exatamente a ciência do seu funcionamento, e um controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las: esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo (FOUCAULT, 1987, p. 26).

Para analisarmos a relação das mulheres-flores com o **Amor**, por último me fundamentei no pensamento de Fromm (1991), pois encontrei em suas reflexões elementos que destacam o corpo, como expressividade. O ser humano de fazer e de desfrutar das coisas, um ser que se volta para si, que cria e compartilha desta criação num mundo de necessidade e de expressão.

O pensamento de Fromm alerta para o reconhecimento das relações a partir do Amor. O ser humano equilibrado pelo Amor é, e em tudo que faz, percebe em si e a partir de si, que é capaz de ser e estar no mundo com plenitude do corpo, atitudes e posturas que expressam intencionalidade no mundo e para o mundo, para realizar e para realizar-se.

Segundo Fromm, o corpo é o único meio que faz chegar ao âmago do Amor, das coisas que situam o ser humano no mundo e o faz perceber, tomar consciência de alguma coisa ou de alguém.

Para este autor, o corpo é sábio, é inteligente, o corpo inteiro é sensível e não existe um órgão responsável pelo Amor, que sente mais ou um órgão detentor do conhecimento amoroso. Não existe diferença entre a essência e a existência ou entre a razão e o sentimento. O homem e a mulher no Amor é um corpo, e na vida são dois:

O amor é uma força ativa no homem; uma força que irrompe pelas paredes que separam o homem de seus semelhantes, que os une aos outros; o amor leva-o a superar o sentimento de isolamento e de separação, permitindo-lhe, porém, ser ele mesmo, reter sua integridade. No amor, ocorre o paradoxo de que dois seres sejam um e, contudo, permaneçam dois (FROMM, 1991, p.32).

Assim, compreender o corpo da mulher tomando como referência as histórias de vida das mulheres-flores, amplia horizontes para compreensão crítica da realidade, rompendo definitivamente com visões abstratas do amor e irreais que asseguram entendimentos equivocados no trato da cultura do corpo.

Na cultura do corpo no final do século XX, tem sido comum a ausência de contato com o amor e a prevalência da violência. Tal realidade torna as mulheres sem esperança no futuro, como mostra o exemplo **Rosa**, condenada por ter assassinado o amante, gerando na mesma uma relação amarga com o **seu corpo**, conforme o seu desabafo:

Eu não tenho mais esperança em nada. A vida no crime me fez esquecer meus sonhos. Não posso esperar um parceiro que me compreenda. O que eu podia oferecer a ele? Um corpo usado? Nunca pude oferecer nada. Nem a virgindade eu pude dar ao homem que gostei, pois o meu padrasto, aquele canalha é que me usou primeiro. O que fazer se não tenho valor de mulher direita, nunca tive. (ROSA, 2000).

As mulheres crescem ouvindo *coisas* que ficam profundamente enraizadas no seu ser. Cicatrizes que deformam o entendimento do corpo enquanto via de percepção do mundo. Essas mensagens interferem na maneira da a mulher pensar, falar, agir, nos nossos hábitos e na valoração do corpo feminino, como revela **Rosa**:

O meu corpo... penso que ele é um depósito dos homens com quem transei. Vejo como se ele fosse nada. Ele não é nada além de objeto de uso dos homens. Se for para falar dele, eu não vou mais conversar. Não quero falar mais nada. (ROSA, 2000).

O famoso ditado popular: “*As mulheres perdidas são as mais procuradas*,” que inspirou nossos antepassados e, que, por vezes, ainda se perpetua e se enquadra bem, como modelos e classificações de mulher — santa ou profana, direita ou errada, perdida ou achada, — passam a determinar se um corpo é prostituído ou santo. Uma referência que nega e estabelece uma distância entre o corpo *no* mundo e o corpo *do* mundo, entre o corpo (a) sexuado versus o corpo sexuado. A mulher sente dificuldades para romper com estes estigmas, com estes modelos de corpo estereotipados.

Dália, que foi presa por corrupção de menores e prostituição, sempre mergulha em agonia da dúvida em relação a seu corpo, de constrangimento e da auto depreciação, quando é solicitada para falar a respeito:

Ah! O meu corpo? Sabe, eu nunca pensei nele. Bem, prometo pensar. Acho que ele nunca foi meu. O meu corpo é deles, dos homens. Ele já foi tão usado, machucado e vendido... Só sei o quanto ele vale em reais. O preço varia, pois pode partir da pobreza de trinta reais chegando a custar até quinhentos reais. Depende do programa

contratado. Só penso o quanto eu posso faturar com ele, penso ser ele o meu ganha pão. (DALIA, 1999)

Sua relação de inferioridade com seu corpo a faz pensar que todos estão com a atenção voltada para o seu passado e rindo dele. Se uma pessoa lhe faz um elogio ela não aceita, por pensar que a pessoa está mentindo. Sempre a prever agressões verbais, ela certamente agride com palavras e atitudes antes que alguém tenha oportunidade de fazê-lo. No início das entrevistas, apresentou comportamento arredio que avalio com o objetivo de afastar a interlocução, fato que aos poucos foi reduzindo com a confiança que foi surgindo após os inúmeros e seguidos encontros.

A evolução em direção à igualdade entre os sexos tem vários efeitos sobre a sexualidade e, contrariando o que alguns temem, nenhum dos efeitos causará a extinção das diferenças.

Nas interdições sexuais são construídos poderes, que criam identidades e também uma multiplicidade de discursos que integram o discurso científico, no qual a conduta sexual não é uma categoria natural de forma de procriação e prazer, mas de controle da saúde da sociedade e/ou da pureza ou perdição das mulheres.

Instituições como a família, a escola, a igreja, consultório médico e psicológico incitaram a proliferação de discursos sobre sexo com a intenção de controlar os corpos, o indivíduo e a população. O poder sobre os corpos parece ter sido sempre o objeto de desejo dos detentores de poder qual seja controlar o objeto de desejo dos corpos – o exercício da sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

AMARAL, Célia Chaves Gurgel do. **Dores visíveis: Violência em Delegacias da Mulher no Nordeste**. Fortaleza: Redor/NEGIF/UFC, 2001.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução D. Faksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BADINTER, Elizabeth. **XY Sobre a identidade masculina**. Tradução Maria Inês Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução Waltensir Dutra. 8ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Feminismo, Memória e História**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2000.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (v.1 e 2).

BÍBLIA SAGRADA. Tradução João Ferreira de Almeida. Rev. Atualizada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro. Difel, Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **A defesa das Mulheres**. Instrumentos Internacionais, Brasília: Funag, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Normas Técnicas. **Prevenção e tratamentos dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**. Brasília: 32 p. 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Declaração dos direitos humanos**. *Uma perspectiva de gênero*. Brasília: CFEMEA. 7.

BRASIL. **Código Penal**. 5ª ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

CAMARA, Epaminondas. **Os alicerces de Campina Grande**. Campina Grande/PB: Caravela, 1999.

CARDOSO, Ruth. (Org.) **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Mulheres modernas, mulheres tuteladas: o discurso jurídico e a moralização dos costumes – Campina Grande -1930/1950**. Recife: UFPE, 2000. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história:** novas perspectivas. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano.** Tradução Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Prefácio – Formação social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizatório. Tradução André Telles. In: ELIAS, Norbert. (Org.) **A sociedade de corte.** Tradução Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.7-25.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações.** Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1999.

CHIAVENATO, José Júlio. **A morte:** uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna, 1998.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande.** Volumes I e II. Campina Grande: Editoração Eletrônica, 1993.

DIMENSTEIN, G. **Meninas da noite.** São Paulo: Ática, 1992.

ECO, Umberto. *Pós-escrito a O Nome da rosa.* Tradução Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte.** Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora:** uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade e da aprendizagem. Tradução Neusa Kern Hichel. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos:** como a sociedade modela e reprime as mães. Tradução Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. 9. ed. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Microfísica do poder.** Tradução Maria da Costa Albuquerque 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREIRE , Paulo. NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer:** teoria e prática em educação popular. Petrópolis: Vozes, 1991.

FROMM, Erich. **A arte de amar.** Tradução Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** Tradução Dante Moreira Leite. 2. ed. Rio de Janeiro: Perspectivas, 1987.

GRINBERG, Abrahão; GRINBERG, Bertha. **Sogras e noras:** aprendendo a conviver. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org). **A escrita da história:** novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992, p.133-161.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Pensar categorias em história da Educação e Gênero.** Projeto História, São Paulo, p.19-29, nº11, nov. 1994.

MERLEAU-PONTY. M. **O visível e o invisível.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Fenomenologia da percepção.** Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1999.

MIOTTO, Armida Bergamini. **A violência nas prisões.** 2. ed. Goiânia: Cegraf/UFG, 1992.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. Vida íntima das moças de ontem: um encontro com Sophia Lyra. In: MIGNOT, Ana Chystina V. et al. **Refúgios de eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 109-122.

_____. (Org.). Relações de gênero: um tema controverso. In: _____. **A mulher em nove versões**. Natal: EDUFRN, 2001.

_____. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MURARO, Marie Rose. **Memórias de uma mulher impossível**. Rio de Janeiro: Rosa Dos Tempos, 1999.

_____. **Homem mulher: início de uma Nova Era** (uma introdução ao pós-patriarcado). Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994.

_____. ; BOFF, Leonardo. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NUNES, Clarice (Org.). **O passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992.

PENNA, Lucy. **Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo**. São Paulo: Summus, 1989.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. Tradução Denise Bottamann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

PORTER, Roy. Histórias do corpo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: EUEP, 1992.

PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

RICHARDSON, Laurel. **A nova outra mulher**. Tradução: Rosalind Mobaid Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SANTOS, Ligia Pereira dos. Trajetória de vida e de leitura. In: MORAIS, Maria Arisnete Câmara (org). **Carrossel de leituras: ensaios para vida**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

SOIHET, Raquel; MATOS, Maria Izilda de S. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. Outras dimensões da política na vida das mulheres. In: SAMARA, Eni de Mesquita. (Org.): **Gênero em debate: trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUSC, 1997.

THOMAS, Eva. **A violação do silêncio**. Tradução Luiz Cláudio de Castro e Costa. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

THORNTON, Louise; BASS, Ellen (Org.). **Nunca contei a ninguém**. Tradução Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Harbra, 1985.

TORRES, Joan; FORWARD, Susan. **Homens que odeiam suas mulheres & as mulheres que os amam**. Tradução Alfredo Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

XINRAN. **As boas mulheres da China: vozes ocultas**. Tradução Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.